

“CASTANHEIROS” - Base de Dados para a Gestão da Informação Arqueológica

JOÃO MURALHA CARDOSO
(CEAUCP-CAM)¹

INTRODUÇÃO

A finalidade principal da criação de um sistema de gestão da informação arqueológica, neste caso concreto aplicado ao sítio de Castanheiro do Vento, relaciona-se com a sistematização de todos os elementos passíveis de análise, provenientes de uma escavação. Os objectivos são os seguintes: Produção de arquivos digitais²; normalização de conceitos e critérios e disponibilizar informação constantemente relacionada e actualizada.

A necessidade de uniformizar toda essa informação e definir critérios objectivos para um determinado conjunto de dados recolhidos em escavação, levou à elaboração de um conjunto de bases de dados relacionáveis entre si, chamada *Castanheiros*. A estrutura construtiva teve cinco preocupações fundamentais (Carr 1985): 1- Definição a *priori* das variáveis relevantes, mas deixando sempre a possibilidade de se integrar novas variáveis, que estarão disponíveis para novas pesquisas. 2- Flexibilizar a sua arquitectura interna, tentado afastar a redundância. 3- Flexibilização do espaço de armazenamento, no sentido de se obter um conjunto de dados facilmente manipuláveis. 4- Relação de campos e/ou grupos de campos. Neste caso privilegia-se uma relação “many to many”. 5- Precisa e sempre que possível exacta, com definição prévia de tabelas/listas aferindo desta forma o léxico com o qual se trabalha.

No entanto durante o decorrer das escavações arqueológicas e dos trabalhos de prospecção na área, sentiu-se a necessidade de alterar a estrutura do sistema. Estava implementado um sistema de gestão de

bases de dados orientadas ao objecto, e criado especificamente para a intervenção arqueológica de Castanheiro do Vento. Mas os objectivos da investigação passaram a ser, não apenas o sítio arqueológico, mas sim um determinado território. Criou-se desta forma, uma outra base de dados, com uma componente relacional a *Castanheiros*. Esta³, pretende caracterizar um conjunto de descritores dos sítios arqueológicos inseridos num território⁴. Manteve-se a orientação ao objecto, mas criaram-se várias escalas: a do objecto arqueológico e a de sítio arqueológico. Os objectivos foram igualmente repensados e reformulados, sendo agora entendidos numa dupla perspectiva: Informação recolhida na intervenção arqueológica (materiais, amostras, estruturas, documentação gráfica e fotográfica...); a informação recolhida / derivada do(s) sítio(s) arqueológico(s), quer apenas ao nível de prospecção e identificação de sítios, quer ao nível da sua escavação, (geologia, geomorfologia, envolventes actuais, bibliografia, cartografia...); podendo futuramente alargar-se a uma terceira, que efectivamente integre a informação resultante da intervenção arqueológica (correspondência, artigos de jornal, relatórios...).

A ideia de base foi implementada através de um circuito de dados em sistemas modulares. Os módulos são as diversas bases orientadas ao objecto. Para cada base foi elaborado um fluxograma. Estes diagramas de fluxo (fluxo da informação transposta para a folha de recolha de dados), permite-nos analisar visualmente as diferentes tarefas que a execução do programa realiza. São essenciais para a correcta definição das diversas sequências do programa e a

¹ Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto-Campo Arqueológico de Mértola.

² A produção de arquivos digitais é aqui entendida numa perspectiva de integração e disseminação da informação arqueológica com o objectivo de melhorar o processo de investigação. Ver sobre este assunto GREW 2000 e BECK 2000.

³ Quer esta nova base, quer a antiga foram elaboradas recorrendo ao programa File Maker Pro Advanced, por possuir um ambiente amigável, ser bastante leve, relacional e permitindo a permutação de dados.

⁴ Esta base, “Sítios Arqueológicos do Alto Douro”, será objecto de publicação circunstanciada num futuro próximo.

relação entre cada uma das suas partes. Vejamos então a sua estrutura e como se preenche.

1. MENU PRINCIPAL

É através deste menu que é permitido o acesso à introdução de dados, pesquisa e elaboração de listagens e tabelas. É este o menu que os utilizadores abrem no início do preenchimento. Esta folha possui um cabeçalho que identifica a área sobre a qual trabalhamos, e que é partilhada por todas as bases subsequentes. A área do corpo de trabalho funciona com botões de chamada. Consoante a base sobre a qual iremos trabalhar, acciona-se o respectivo botão e aparece a folha de recolha de dados. Esta folha surge sempre com o *design* de ficha de recolha para um mais fácil preenchimento.

2. CARREGAMENTO DE DADOS

2.1. Cerâmica

Como pequena nota introdutória é importante referir que todos os fragmentos cerâmicos se deveriam poder “converter” em formas completas. Hoje, e com a experiência acumulada de escavações arqueológicas nesta área, sabemos que não é assim. Muitos vasos foram intencionalmente fragmentados e outros destruídos por factores pós-deposicionais. cremos que é importante valorizar a primeira ideia, assim optámos por assumir como unidade artefactual principal e significativa, o “fragmento” e não o vaso. Quando no decorrer da análise de materiais, possuímos um conjunto significativo de fragmentos que nos possam inferir formas (mesmo ao nível do desenho), faremos um desdobramento desta folha de recolha, dando origem a uma de recipientes. O modelo aqui transcrito em Base de Dados segue sugestões de Jorge 1986:83,115, 175, 207,341,421, 449,467; Sanches 1992:97,120 Sanches 1997; Muralha 1996:13/19, Vale 2003:48-49, Baptista 2003:20-24 e Oliveira 2003:31-48).

Esta folha é composta por 27 campos, distribuídos por 10 áreas.

Área 1:

ID- Campo de preenchimento obrigatório. Numeração sequencial. Terá que ser sempre igual ao número de registos.

Área 2. Localização:

N.º de Inventário- CSTVNT/01/110.53/3/154, ou seja, acrónimo do sítio, ano de campanha, quadrado, camada, e número da inventariação. Quadrícula- Quadrado de recolha. É o mesmo do n.º de inventário. Camada- É a mesma do n.º de inventário. Contexto- Composta por uma tabela previamente inserida. Os contextos são definidos no momento da escavação, e geralmente estão conectados ao glossário da estação arqueológica. Como é uma tabela aberta, podemos sempre inserir novos contextos. Micro-contexto- E preenchido sempre que na etiqueta de campo seja descrito um pequeno contexto. Por exemplo: uma fossa, uma lareira. X/Y/Z – Coordenadas do fragmento. O X é a medida em relação ao lado norte do quadrado; o Y, é a distância medida em relação ao lado este do quadrado e o Z é a profundidade em relação ao nível 0 convencional.

Área 3. Tipo de Fragmento:

Tipo de Fragmento- Campo com o mesmo nome. Possui uma tabela pré-definida que aparece como “botões”. Basta carregar no escolhido.

Área 4.Pasta:

Este campo é constituído por três entradas: Tipo de E.N.P. (Elementos Não Plásticos) – Embora sejam necessários alguns conhecimentos de geologia, será importante o preenchimento deste campo. O quartzo abunda no local e é facilmente identificável, a mica apresenta-se brilhante e o feldspato afigura-se com pequenas palhetas de cor diferente da argila constituinte da pasta. Escolhe-se aquele que parece ser o mais abundante. Quando se detecta a existência de um outro e.n.p., deve-se escolher a opção *other*, que a base de dados admite a existência de dois campos preenchidos. Calibre- Refere-se à medição dos E.N.P., deverá ser feito com uma craveira. Esta medição corresponde ao calibre médio dos elementos. A observação da pasta levou-nos a classificar o calibre dos elementos não plásticos, ou desengordurantes, em três categorias; menor que 0,5mm (ENP1), entre 0,6mm e 1mm (ENP2) e maior que 1,1mm (ENP3). Esta observação permite-nos detectar o tipo de textura da própria pasta, (descriptor seguinte). Textura- Embora a análise seja apenas macroscópica, deverá ser o mais exaustiva possível. A proporção e distribuição na pasta dos ENP, assim como a ligação da própria argila permitem a distinção de três tipos de textura: compacta, quando apresenta uma pasta consistente, mas os ENP não se encontram repartidos de uma forma homogénea, friável quando a pasta se esfarela

facilmente e possui deficiências de compactação, e homogénea quando a pasta é compacta e os ENP se encontram dispersos de uma forma mais ou menos regular, e de calibre inferior a 0,5mm.

Área 5. Estado da Superfície:

Análise visual do estado da superfície exterior e interior. Os dois campos estão pré-preenchidos e são iguais. A opção corroída é escolhida quando não se consegue observar qualquer tipo de tratamento de superfície, devido ao mau estado dos fragmentos. Quando se preenche o campo corroído, não se preenche o campo seguinte; tratamento da superfície.

Área 6. Tratamento de Superfície:

Constituída igualmente por uma tabela em forma de botões. A base de dados apenas permite escolher uma opção. A superfície está alisada quando existiu uma regularização da superfície da pasta ainda húmida, polida quando apresenta um certo brilho provocado por uma acção de fricção sob a pasta seca, e rugosa quando o oleiro não submeteu a superfície a qualquer tratamento.

Área 7. Cor:

Possui quatro entradas, com tabelas predefinidas: aspecto exterior e interior e respectiva cor.

Aspecto exterior e Aspecto interior - Homogéneo quando o fragmento apresenta a mesma cor uniformemente e não homogéneo, quando apresenta manchas. Quando o aspecto não se apresentava homogéneo, opta-se por se registar o tom cromático predominante. Cor exterior e Cor interior - Este item é de preenchimento muito subjectivo, e recomenda-se, no início do trabalho uma análise conjunta das cores, com outros colegas para se definir critérios abrangentes. Não se recorreu à utilização de nenhum código de cores (Cailleux ou Munsell), devido a essa subjectividade. Optou-se por se definir apenas um conjunto de cinco tipos de cor: beije, castanho, cinzento, laranja e vermelho. Considera-se a observação da cor uma variável pouco importante da análise. Pode-se apenas sugerir, à semelhança de Anne Sheppard (1965:106/107) que os fragmentos cerâmicos que apresentam superfícies claras e núcleo claro, derivam de um ambiente de cozedura oxidante; os que possuem superfícies e núcleos acastanhados não foram completamente oxidados e os que apresentam superfícies claras e o núcleo escuro foram submetidos a uma oxidação completa.

Antes da área 8, aparece um pequeno quadro azul, de preenchimento obrigatório, se o fragmento cerâmico for considerado de excepção; campaniforme, cogeses ou outro.

Área 8. Decoração:

Em geral, refere-se à superfície exterior. Os vasos com decoração interior (cerâmica cogeses) são analisados em outra Base. Divide-se em: Técnica decorativa; esta área de preenchimento foi fortemente influenciada por Susana Oliveira Jorge, 1986 e Ana Margarida Vale, 2003. Todas as técnicas decorativas foram realizadas antes da cozedura. Podem ser de seis tipos: Decoração plástica; caracterizada pela adição de qualquer elemento sólido à superfície, quer seja no repuxar da pasta, quer pela junção de argila (Vale 2003:50). Excisão; caracterizada pela remoção de pasta da superfície, criando um efeito de baixo relevo. Incisão; baseia-se em riscar a pasta com um estilete de forma corrida. Mesmo que haja uma repetição do movimento, o motivo desenhado nunca é idêntico, pois são elaborados de uma só vez (Vale 2003:50). À semelhança de Susana Oliveira Jorge e Ana Vale, considera-se as caneluras como incisões, sejam largas ou estreitas, profundas ou superficiais. Impressão; caracteriza-se pela utilização de uma matriz dupla, "(...) que pela simples pressão, perpendicular ou oblíqua à superfície do recipiente, permite imprimir diferentes motivos decorativos (Vale 2003:50). Puncionamento; é diferente da impressão, apenas pelo utensílio utilizado, o estilete, cuja extremidade pode ter diferentes formas. Espatulamento; caracteriza-se pelo friccionar constante e intenso da superfície, provocando bandas decoradas, curvilíneas ou rectilíneas.

Motivo/Temática decorativa. Este campo possui uma tabela pré-definida. Esta tabela tem 34 escolhas possíveis. Como é aberta permite a entrada constante de novas associações de decorações⁵.

⁵ A listagem é a seguinte: Decoração plástica. Decoração plástica/plastilha repuxada. Decoração plástica/mamilo. Decoração plástica/cordão simples. Decoração plástica/cordão com impressões digitais. Decoração plástica/mamilo + incisão no lábio. Decoração plástica/mamilo + cordão simples. Decoração plástica/mamilo + cordão com impressões digitais. Incisão. Incisão/linhas horizontais associadas + linhas oblíquas (em espinha). Incisão/múltiplas linhas oblíquas. Incisão/múltiplas linhas oblíquas + espatulamento. Impressão. Impressão/de cana. Impressão/ungulada. Impressão/penteada. Impressão/penteada curvilínea. Impressão/penteada rectilínea. Impres-

Organização decorativa.

A organização decorativa remete para a tipologia de organizações decorativas. Neste momento existem quatro trabalhos (Vale 2003; Gaspar 2004, Barbosa 2004 e Pinheiro 2008) que seguiram a mesma metodologia de trabalho/tipologia. Os diversos tipos estão plenamente caracterizados em Ana Vale 2003:60. No entanto é importante realçar todo um trabalho de equipa que ao longo dos anos foi sendo coordenado por Susana Oliveira Jorge onde foram efectuadas várias reuniões de trabalho, com o objectivo de se tentar definir uma linguagem comum a todos os investigadores que trabalhassem a cerâmica⁶.

“Tipo I: Uma banda decorada paralela ao bordo. Pode possuir três variantes: a) Uma banda decorada produzida por impressão penteada, que pode ou não resultar da múltipla passagem do pente e unglada; b) Uma banda decorada incisa; c) Uma banda decorada com decoração plástica; pastilhas repuxadas.

Tipo II: Sequência horizontal de elementos decorativos na superfície do recipiente, intercalados por espaços vazios, ou seja, intencionalmente não decorados. Pode possuir três variantes: a) Bandas decoradas por impressão penteada; b) Bandas decoradas por espatulamento, interrompidas verticalmente por uma banda espatulada; c) Disposição horizontal de motivos de decoração plástica.

Tipo III: Sucessão paralela ou perpendicular de faixas decoradas paralelas ao bordo, onde não existem espaços sem decoração. Pode possuir quatro variantes: a) Alternâncias de bandas decoradas por técnicas que perfuram a pasta, impressão penteada, com bandas que não interferem no relevo inicial (mo-

são/penteada arrastada. Impressão/penteada oblíqua arrastada. Impressão/penteada + espatulamento. Impressão/penteada curvilínea + espatulamento. Impressão/penteada rectilínea + espatulamento. Impressão/penteada arrastada + espatulamento. Impressão/penteada oblíqua arrastada + espatulamento. Impressão/penteada curvilínea + impressão penteada rectilínea. Impressão/penteada curvilínea + impressão penteado arrastado + espatulamento. Impressão/penteada curvilínea + impressão penteada rectilínea + espatulamento. Impressão/penteada + incisão (caneluras). Impressão/penteada curvilínea + incisões (caneluras) Impressão/penteado arrastado + incisão (caneluras). Impressão/penteada oblíqua arrastada + incisão (caneluras) + espatulamento. Puncionamento. Puncionamento simples + incisão (caneluras). Esbatulamento.

⁶ Nomeadamente Maria de Lurdes Oliveira, Lúcia Baptista, Leonor Sousa Pereira, Ana Vale, José Manuel Varela, Gonçalo Velho e João Muralha.

mento pré decoração) do recipiente, espatulamento. Pode ou não apresentar uma banda vertical, criada por espatulamento, que interrompe a disposição dominante das bandas decoradas, i. é. horizontal; b) Sucessão de bandas decoradas por impressão penteada oblíqua e incisão (caneluras); c) Sucessão de bandas decoradas concedidas pelo puncionamento e incisão (caneluras); d) Bandas decoradas perpendiculares ao bordo, conseguidas pelas seguintes técnicas: impressão penteada e espatulamento.

Tipo IV: Conjunto de bandas decoradas paralelas ao bordo seguidas por um conjunto de bandas decoradas verticais ao bordo, sem que se verifique uma sobreposição, ainda que parcial, dos dois conjuntos. Pode possuir duas variantes: a) Alternância de bandas decoradas, paralelas ao bordo, obtidas por impressão penteada oblíqua e espatulamento, seguida de caneluras (incisão) verticais ao bordo; b) Uma banda decorada por impressão penteada oblíqua, paralela ao bordo, seguida de caneluras, igualmente paralelas ao bordo, seguida de caneluras verticais.” (Vale 2003:60-61)

Área 9. Dimensões:

As medidas são tiradas sempre no seu eixo maior, à excepção dos diâmetros de abertura de boca e paça. Os índices são de formulação automática.

Área 10. Colagens:

Esta última área tem apenas um campo e destina-se a referenciar, pelo número de inventário, os fragmentos que colam entre si.

2.2. Contas

Folha de recolha constituída por sete áreas. A descrição e análise das contas teve por base sugestões de Maria Margarida Moreira, 1996.

As duas primeiras áreas são idênticas às bases de dados anteriores.

Área 3. Dimensões:

Altura ou espessura: deverá ser medida paralelamente ao canal de perfuração; Largura máxima: deverá ser medida perpendicularmente em relação ao canal de perfuração;

Área 4. Forma:

Deverá ser analisada tomando em consideração a sua semelhança com formas geométricas através do contorno da peça. Novamente surge uma tabela já definida. Discoides: são aquelas que se apresentam em forma de disco e cujo diâmetro é superior à sua

espessura ou altura. Cilíndricas: contas em forma de cilindro apresentando um diâmetro inferior à sua espessura ou altura. Tronco-cónicas: aquelas cuja forma se assemelha a um cone, mas apresentando o lado oposto à sua base, de menores dimensões do que este, também plano. Bicónicas: apresentam a forma de dois tronco-cones unidas pela base, sendo as suas extremidades igualmente planas. Esferoides: a sua forma geral aproxima-se da esfera, mas as suas extremidades, aquelas que correspondem às partes terminais do canal de perfuração, são planas. Elípticas: contas cuja forma quando projectada num plano, se aproxima de uma elipse. Tonel: contas cujo corpo é ligeiramente convexo terminando em dois extremos planos. Indeterminadas: grupo onde se englobam todas aquelas contas cuja forma não é possível determinar pelo facto de a peça se encontrar fracturada ou inacabada.

Área 5. Perfuração:

Com uma tabela pré-definida. Cilíndrica: resulta de um só orifício, executado por um perfurador cilíndrico ou facetado, sendo a sua forma geral próxima à do cilindro. Cónica: só apresenta um orifício de perfuração, podendo este ter sido realizado por um perfurador cónico. Bicónica: o orifício de suspensão é o resultado da coincidência de dois orifícios executados um de cada lado da conta de colar, tendo para o efeito sido utilizado um perfurador cilíndrico. Indeterminada: a este grupo pertencem todas as perfurações que não podem ser englobadas nos tipos anteriores.

Área 6. Técnicas de perfuração:

Abrasão: seria o processo clássico, uma vez que seria utilizado um perfurador com uma dureza pelo menos igual à da matéria-prima a perfurar, produzindo um canal cilíndrico e rectilíneo. A 2/3 da perfuração estar concluída, uma percussão sobre o perfurador permitiria que se libertasse um pequeno cone que iria “destruir” a parte que restasse perfurar. Daí esta técnica ser também designada “abrasão-percussão”. Picotagem: seria utilizado um escopro que provocava micro-fracturas cuja confluência levaria à desagregação da matéria. São os traços de uso do escopro – a existência, de uma extremidade à outra da perfuração, da confluência de micro crateras, onde não são visíveis estrias circulares – que permitem identificar a utilização, ou não, desta técnica de perfuração. O orifício daqui resultante, seria um canal bicónico, com paredes muito rugosas, dado que sobre elas nenhum instrumento teria rodado.

Área 7. Tipos de perfuradores:

Tabela com escolha entre; Cilíndricos, Facetados, ou Cónicos. É determinado consoante os vestígios deixados nas paredes do canal.

2.3. Dormentes

Ficha de recolha dos dados constituída por doze áreas. A descrição e análise dos elementos de dormente recolheu sugestões de João Muralha 1996, Valentine Roux 1983, Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamin Pereira (1983) e Victor Gonçalves 1989.

As duas primeiras áreas são idênticas às bases de dados anteriores.

Área 3. Matéria-prima.

Campo de escolha única. Tendo em conta que o preenchimento deste campo é feito através de uma análise macroscópica, optou-se por distinguir para o granito, três tipos de escolha; granito de grão fino, médio e grosso. O elemento de dormente de grão fino apresenta uma compacticidade muito grande, o de grão médio é igualmente compacto mas detecta-se algum esboroamento, enquanto o granito de grão grosso, esboroa-se muito facilmente.

Área 4. Estado de conservação.

Igualmente é um campo de escolha única. Aqui a decisão de escolha tem por base um critério muito objectivo. Se o elemento de dormente em estudo, permite registar todas as medições, a escolha é intacto. Se permite apenas a recolha de 3 a 5 medidas está fragmentado, se apenas permite a execução de apenas 2 medidas ou ainda menos, a escolha é fragmento.

Área 5. Estado físico geral.

Campo de escolha única. O leque de escolhas refere-se a 6 sub-campos; afeiçoado, anguloso, arestas vivas, boleadas, fractura natural e indeterminado. Está afeiçoado, quando se apresenta trabalhado em todo o seu perímetro, através de um polimento ou alisamento. É anguloso quando foi trabalhado, mas não em todo o perímetro, ficando com ângulos não polidos ou alisados. Tem as arestas vivas quando é trabalhado o seu perímetro, deixando ângulos e não sendo polido ou alisado. É boleado, quando é trabalhado em todo o seu perímetro, mas não é alisado nem polido. Tem fractura natural, quando não é trabalhado, e indeterminado quando o elemento analisado não permite qualquer conclusão.

Área 6. Morfologia

Campo de escolha única. A sua morfologia é indexada a uma forma geométrica. Geralmente, apenas os moínhos que permitem mensurar o seu comprimento e largura é que estão aptos ao preenchimento deste campo. Quando isso não acontece a escolha é sempre indeterminado.

Área 7. Estado do bordo.

Campo de escolha única. O leque de escolhas é muito semelhante à área 5 e as definições são as mesmas.

Área 8. Superfície activa.

A superfície activa de um dormente, corresponde à área que provavelmente terá sido utilizada. Possui dois sub-campos de preenchimento com escolha única: estado e características. O primeiro sub-campo está relacionado com o tipo de vestígio de uso que é deixado na superfície activa do dormente, geralmente um picotado. É composto por; apagado, circunscrito, vivo ou indeterminado. Escolhe-se apagado quando não se detecta qualquer tipo de picotado, apresentando-se a superfície, alisada. Opta-se por circunscrito, quando se observa uma ou várias manchas de picotado perfeitamente definidas. Vivo quando a superfície do dormente se apresenta picotada em grande parte da sua área. Indeterminado, quando não se consegue detectar nenhuma das opções anteriores. O segundo sub-campo relaciona-se com as características que a superfície activa apresenta. Podem ser côncava, convexa, plana ou indeterminada.

Área 9. Base.

Esta área refere-se ao formato que a base do dormente apresenta. Por base entende-se a área que assenta na superfície de terreno. Esta pode ser aplanada, côncava, convexa, plana ou indeterminada

Área 10. Secções.

A área 10 que se refere às secções tem dois sub-campos; descrição da secção longitudinal e transversal. Os itens são idênticos nas duas secções. As opções de escolha são; biconvexa, côncava-convexa, convexo-côncava, plano côncava, plano convexa ou indeterminada.

Área 11. Dimensões.

Esta área divide-se em três sub-campos; dimensões da peça, dimensões da superfície activa e os índices. Este último é de elaboração automática. São campos não preenchidos pelo utilizador. Se os campos relativos às dimensões forem utilizados, os índices são automaticamente elaborados. Uma nota apenas para as dimensões da superfície activa; esta,

diversas vezes coincide com o topo da peça, pois nem todos os dormentes possuem rebordo.

Área 12. Peso.

O peso deve ser registado em kg.

2.4. Materiais Líticos

A elaboração da folha de recolha de dados teve por base sugestões de Sérgio Rodrigues (inf. pessoal), João Muralha (1996), António Carvalho (1998), Leroi-Gourhan (1988), Bordes (1988) e Tixier, Inizan e Roche (1980).

As áreas 1 e 2 são iguais. As diferenças surgem a partir da área de preenchimento 3.

Área 3. Designação:

A escolha é feita através de uma tabela com seis hipóteses.

Fragmentos com talhe inclassificáveis; fragmentos onde é impossível a identificação de qualquer acção antrópica, à excepção de ter sido utilizado, de possuir um vestígio de talhe não classificável. Ao escolher esta opção, o preenchimento da base de dados termina na área 7.

Fragmentos com vestígios de maceração, fragmentos onde são visíveis vestígios de uso/utilização semelhantes a um picotado/martelado/maceração. Este vestígio de uso é geralmente visível nos gumes. No entanto podem ser detectados em outras áreas da peça.

Lascas, são peças resultantes de uma acção de talhe, e a sua morfologia e retoque não permitem identificar qualquer utensílio específico.

Núcleos, são blocos ou fragmentos de rocha dura, a partir da qual se extraíram lascas, lâminas ou lamelas.

Outros, quando é impossível a colocação do objecto em análise numa das outras categorias.

Utensílios, são igualmente resultado de uma acção de talhe, mas possuem uma tipologia bem definida. Quando a escolha recai neste descritor, preenche-se a sub-área 3.1. Utensílios.

Área 4. Matéria-prima:

Campo de escolha única.

Área 5. Estado Físico:

O estado físico é analisado macroscopicamente e representa o conjunto de alterações da superfície da peça, incluindo as arestas. Podem ser boleadas, angulosas ou eolizadas. Arestas boleadas são arestas curvas, arredondadas, ou em forma de meia-cana. Angulosas apresentam um aspecto esquinado. Eolizadas

são aquelas arestas que sofreram algum tipo de acção erosiva, apresentando-se desgastadas.

Área 6. Estado de Conservação:

Estado da situação física. Tabela com três entradas de escolha única. Inteiro quando é possível fazer as três medições, fragmentado quando só é possível retirar duas medidas, e fragmento quando apenas uma medida é possível. Se for impossível executar qualquer medição, considera-se o elemento em análise, um fragmento.

Área 7 e 8. Dimensões e Índices:

Deverá ser utilizada uma craveira. As medidas são feitas em milímetros. Comprimento, no eixo maior da peça. Largura, perpendicular ao eixo maior, e na área mais larga. Espessura, distância máxima entre um ponto no anverso e na face inferior da peça. Executada no mesmo local onde foi retirada a largura.

Peso em gramas.

Os Índices são elaborados automaticamente à medida que os campos anteriores são preenchidos.

Após o preenchimento deste campo, o utilizador escolhe um dos cinco botões, consoante a análise que tenha efectuado no descritor 3.

Se carregar em Núcleos o programa leva o utilizar para a área 11. O preenchimento dos campos é efectuado até ao final da base de dados.

Se a peça é “Fragmentos com vestígios de maceração”, ao carregar no botão correspondente, o programa leva-o para a área 12 (localização dos vestígios de uso) que tem de preencher e daí, até ao fim.

Se a peça corresponder a um Utensílio, todos os campos da base terão que ser preenchidos, à excepção da área 10 reservada às lascas e área 11, reservada aos núcleos.

O botão Lascas leva-o à área 10, recomeçando aí a análise do artefacto, à excepção da área 11, reservada aos núcleos.

Se escolheu Outros o programa leva-o até ao campo de Observações onde se tem de explicitar a escolha.

Área 9. Caracterização Tecnológica (para utensílios):

Composta por quatro sub-campos: análise do talão, do córtex, retoque, tipo de retoque, bolbo e secção transversal (esta última é apenas preenchida numa análise de utensílios alongados). Talão, de escolha única. Se está Ausente ou Presente. Córtex,

igualmente de escolha única. Sem córtex, quando a peça em análise não possui qualquer vestígio cortical. Parcialmente cortical, quando existe vestígios do córtex, em cerca de 10% ou mais da peça. Retoque, assinala-se se é contínuo, quando abrange apenas um dos lados da peça, ou descontínuo se existe de uma forma descontinuada ao longo da peça, total se está presente na peça toda, ou ausente. Se assinalarmos a sua ausência não se preenche o campo seguinte. Tipo de Retoque é o único campo desta área de escolha múltipla, onde é possível escolher várias opções. Aplanado unifacial, abrupto unifacial, aplanado bifacial e abrupto bifacial. O tipo de retoque aplanado é aquele que possui um ângulo inferior a 55 graus, enquanto o abrupto possui um ângulo mais aberto do que 55 graus. Quando o retoque existe apenas numa face, é unifacial, quando existe nas duas é bifacial. Bolbo, de escolha única. Existente quando está bem visível, Reduzido, quando não é facilmente identificável ou está fragmentado e Suprimido, quando inexistente. Secção transversal. Este campo apenas é preenchido para utensílios alongados (lâminas e lamelas).

Área 10. Caracterização Tecnológica (lascas):

Área composta por cinco sub-campos; talão, córtex, bolbo, geração e maceração. Todos eles podem ser de escolha múltipla, à excepção do último sub-campo, que é de escolha única. Pode-se definir uma lasca como um fragmento de uma rocha dura que resulta de uma operação de talhe. Em relação ao talão (área do produto de talhe que sofreu a acção de batimento ou pressão), assinala-se a sua presença ou ausência. O córtex tem três opções de preenchimento; sem córtex, quando a lasca não apresenta nenhum vestígio do exterior do bloco no qual foi talhada, cortical, quando o produto de talhe apresenta a sua face exterior completamente coberta pelo córtex e parcialmente cortical, quando possui ainda vestígios de córtex. Para o descritor bolbo assinala-se igualmente a sua presença ou ausência. O sub-campo geração relaciona-se com a acção de talhe. Quando a lasca apresenta-se cortical, assinala-se como sendo de 1ª geração, quando não possui vestígios de córtex, ou este apenas cobre cerca de 10% da sua face exterior, diz-se que é de 2ª geração. O sub-campo maceração apenas se preenche se detectarmos vestígios de utilização de maceramento.

Área 11. Caracterização Tecnológica (para núcleos):

Área reservada apenas ao preenchimento na aná-

lise de núcleos. Podemos, de uma forma bastante simples, defini-lo como um bloco, ou fragmento de rocha, a partir do qual se produzem um conjunto de levantamentos conducentes à sua utilização. Esta área é composta por sete sub-campos; suporte, características do suporte, estado do núcleo, número de levantamentos, talhe, acidentes de talhe e produtos de talhe.

Suporte do núcleo, de escolha única. Tem quatro descritores; bloco anguloso, lasca, seixo rolado ou placa de xisto. No descritor características do suporte tenta-se particularizar a rocha, através da existência ou não de algumas componentes; planos de clivagem, linhas de clivagem e textura homogénea. Este descritor surge devido à especificidade da matéria-prima. Em Castanheiro do Vento e outras estações similares nesta região todos os núcleos recolhidos são em quartzo ou quartzito. Estas rochas, especialmente o quartzo, raramente possuem textura homogénea, apresentam-se com muitas fractuosidades visíveis em planos e linhas de clivagem. Estas últimas geralmente atravessam toda a rocha analisada e sobre pressão ou batimento, o bloco racha. Os planos de clivagem são áreas fracturantes do bloco.

Estado do núcleo. Tabela pré-definida, com quatro entradas; muito desgastado, desgastado, sem desgaste ou eolizado. Muito desgastado quando em processo de análise se observa que o bloco já não permite qualquer levantamento. Desgastado, quando permite apenas fazer poucos levantamentos, sem desgaste, quando se nota que o bloco permitia ainda fazer um conjunto de levantamentos e eolizado quando se detecta alguma acção erosiva.

O sub-campo talhe, tem quatro descritores de escolha única; unipolar, bipolar, multi-direccional/globuloso ou centrípeto. Este sub-campo tem por objectivo caracterizar a orientação dos levantamentos. Unipolar quando é efectuado apenas num dos pólos do bloco. Bipolar quando é feito nos dois pólos. O núcleo é multi-direccional/globuloso quando não se detecta qualquer orientação específica no talhe, e centrípeto quando o talhe se vai aproximando do centro do bloco.

Número de levantamentos. Campo numérico sem tabelas. O objectivo deste descritor é tentar quantificar o número de produtos de talhe efectuados.

Acidentes de talhe. Quando se observa que o talhe do bloco produziu ressaltos e/ou fracturas. Este sub-campo distingue-se da análise das características de suporte que é uma observação das propriedades

inerentes à rocha, enquanto os acidentes de talhe são produzidos por quem talhou o bloco.

Produto. Produto de talhe retirado do núcleo. Tabela com três opções de escolha única; lamela, lâmina e lasca.

Área 12. Localização dos Vestígios de Uso (para lascas e fragmentos com vestígios de maceração)

Esta área é composta por quatro sub-campos consoante a área onde se localizam os vestígios de uso; polar (unipolar ou bipolar), facial (unifacial ou bifacial), lateral (unilateral ou bilateral) ou total. A peça deve ser orientada, no caso das lascas, através do seu bolbo, e nos casos dos fragmentos com vestígios de maceração, através do seu eixo maior.

Área 13. Observações:

Deve-se sempre preencher a área 13, quando se escolheu a opção outros, ou quando se pretende explicitar e/ou observar qualquer particularidade relativa à peça que se está a analisar.

2.5. Moventes

Ficha de recolha dos dados constituída por dez áreas. A descrição e análise dos elementos de movente, à semelhança dos dormentes, recolheu sugestões de João Muralha 1996, Valentine Roux 1983, Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamin Pereira (1983) e Victor Gonçalves 1989.

As duas primeiras áreas são idênticas às bases de dados anteriores.

Área 3. Matéria-prima.

Campo de escolha única. Tendo em conta que o preenchimento deste campo é feito através de uma análise macroscópica, optou-se por distinguir para o granito, três tipos de escolha; granito de grão fino, médio e grosso. O elemento de dormente de grão fino apresenta uma compacticidade muito grande, o de grão médio é igualmente compacto mas detecta-se algum esboroamento, enquanto o granito de grão grosso, esboroa-se muito facilmente. Além do granito existem ainda três outras opções; quartzito, xisto e uma outra opção que remete para qualquer outra matéria-prima.

Área 4. Estado de conservação.

Igualmente é um campo de escolha única. Aqui a decisão de escolha tem por base um critério muito objectivo. Se o movente em estudo, permite registar todas as medições, a escolha é intacto. Se permite apenas a recolha de 3 a 5 medidas está fragmentado,

se apenas permite a execução de apenas 2 medidas ou ainda menos, a escolha é fragmento.

Área 5. Morfologia

Campo de escolha única. O leque de escolhas refere-se a 4 sub-campos; circular/ovóide, elíptica, rectangular/sub-rectangular e indeterminada. Geralmente, apenas os moinhos que permitem mensurar o seu comprimento e largura é que estão aptos ao preenchimento deste campo. Quando isso não acontece a escolha é sempre indeterminado.

Área 6. Superfície activa.

A superfície activa de um movente corresponde à área que provavelmente terá sido utilizada. Possui dois sub-campos de preenchimento com escolha única: características e estado. O primeiro sub-campo relaciona-se com a forma que a superfície activa apresenta. Podem ser côncava, convexa, irregular, plana ou indeterminada. O segundo sub-campo está relacionado com o tipo de vestígio de uso que é deixado na superfície activa do movente, geralmente um picotado ou polimento. É composto por; circunscrito, vivo, polido ou indeterminado. Opta-se por circunscrito, quando se observa uma ou várias manchas de picotado perfeitamente definidas. Vivo quando a superfície do dormente se apresenta picotada em grande parte da sua área. Escolhe-se polido quando não se detecta qualquer tipo de picotado, apresentando-se a superfície, completamente polida. Indeterminado, quando não se consegue detectar nenhuma das opções anteriores.

Área 7. Secções.

Esta área tem dois sub-campos; descrição da secção transversal e longitudinal. Os itens são idênticos nas duas secções. As opções de escolha são; biconvexa, côncava-convexa, convexo-côncava, plano-côncava, plano-convexa ou indeterminada.

Área 8. Dimensões.

Esta área divide-se em dois sub-campos; dimensões da peça e os índices. Este último é de elaboração automática. São campos não preenchidos pelo utilizador. Se os campos relativos às dimensões forem utilizados, os índices são automaticamente elaborados.

Área 9. Peso.

O peso deve ser registado em kg.

Área 10.Reutilizações.

Esta área destina-se a analisar qualquer tipo de reutilização que o movente possa ter tido. Está dividida em três descritores; assinalando uma utilização posterior como bigorna, ou como percutor. Se observarmos outro tipo de reutilização, assinala-se o descritor outro.

Área 11.Observações.

Utilizado geralmente para explicitar a escolha do descritor outro da área 10.

2.6. Pedra Polida

Ficha de recolha dos dados constituída por dez áreas. A descrição e análise dos elementos de movente recolheu sugestões de João Muralha 1996, Cármen Priego del Campo (1992), Fabregas Valcarce (1989 e 1992) e Victor Gonçalves (1989).

As duas primeiras áreas são idênticas às bases de dados anteriores.

Área 3. Tipo.

Campo de escolha única. Indexa-se o artefacto a um tipo específico dos materiais de pedra polida; machado, enxó e goiva. Se um destes tipos não corresponder à peça que se está a analisar, escolhe-se a opção outros.

Área 4. Matéria-prima.

Campo de escolha única. Tendo em conta que o preenchimento deste campo é feito através de uma análise macroscópica, optou-se por apenas três tipos de matéria-prima; anfibolite, granito, riolito. Se um destes tipos não corresponder à peça que se está a analisar, escolhe-se a opção outros.

Área 5. Estado de conservação.

Igualmente é um campo de escolha única. Aqui a decisão de escolha tem por base um critério muito objectivo. Se o artefacto em estudo, permite registar todas as medições, a escolha é intacto. Se permite apenas a recolha largura máxima ou comprimento máximo, está fragmentado, se não permite a execução de qualquer medida máxima, a escolha é fragmento.

Área 6. Morfologia

Campo de escolha única. O leque de escolhas refere-se a 5 sub-campos; quadrangular, rectangular/subrectangular, trapezoidal, triangular/subtriangular, e indeterminada. Geralmente, apenas os materiais que permitem mensurar o seu comprimento e largura é que estão aptos ao preenchimento deste campo. Quando isso não acontece a escolha é sempre indeterminado.

Área 7.Secções.

Esta área tem dois sub-campos; identificação da secção transversal e longitudinal. Os itens na secção transversal são: rectangular/subrectangular, quadrangular/subquadrangular, circular, elíptica, trapezoidal, biconvexa, convexa-côncava. Enquanto na secção

longitudinal são: biconvexo, convexa-côncava, flancos paralelos, sinuosos.

Área 8. Polimento.

Campo de escolha múltipla, pois refere-se as áreas da peça que se encontram polidas. Possui os seguintes descritores: gume, flancos, superfície mesial e talão.

Área 9. Gume.

Com este campo objectiva-se a análise do gume do artefacto. Divide-se em dois sub-campos; estado do gume e geometria do gume. São campos de escolha única. O primeiro possui os seguintes descritores; intacto, quando não apresenta qualquer tipo de vestígio de utilização nem se encontra partido, boleado quando possui o gume arredondado, curvo, desbastado quando apresenta sinais de desbaste, partido/lascado, se tem fracturas e lascamentos, ligeiros sinais de uso, se apresenta vestígios de utilização pouco visíveis, e intensos sinais de uso quando se detecta uma utilização sistemática. A continuação desta área divide-se em dois sub-campos; dimensões da peça e os índices. Este último é de elaboração automática. Se os campos relativos às dimensões forem utilizados, os índices são automaticamente elaborados.

Área 10. Talão.

Esta área pretende sugerir a forma do talão. É um campo de escolha única com os seguintes descritores: convexo, pontiagudo, rectilíneo, redondo e truncado.

Área 11. Vestígios de utilização.

Campo de escolha múltipla. Está dividida em quatro descritores, abrangendo toda a peça; gume, flancos, superfície mesial e talão.

Área 12. Vestígios de fixação.

Campo de escolha única. Sim ou não. Possui vestígios de fixação ou não.

Área 13. Peso.

O peso deve ser registado em gramas.

Área 14. Dimensões e Índices.

Deverá ser utilizada uma craveira. As medidas são feitas em milímetros. Comprimento, no eixo maior da peça. Largura, perpendicular ao eixo maior, e na área mais larga. Espessura, distância máxima entre um ponto no anverso e na face inferior da peça. Executada no mesmo local onde foi retirada a largura. Os Índices são elaborados automaticamente à medida que os campos anteriores são preenchidos.

2.7. Percutores

Além das áreas 1 e 2, cujos campos continuam a ser iguais, temos 11 áreas para preencher.

Área 3. Matéria Prima:

Campo com 10 entradas, de escolha única. Além de granito, grauvaque, quartzito, riolito, sílex e a opção outro, decidiu-se dividir a matéria-prima quartzo em três descritores, não só porque esta matéria-prima é a mais utilizada na estação arqueológica, como é igualmente preponderante nos percutores. Utilizou-se o critério da cor; quartzo hialino, leitoso e cinzento.

Área 4. Suporte:

Refere-se ao tipo de suporte utilizado. Bloco angular, quando é um bloco de quartzo, ou por ventura em grauvaque e seixo rolado, quando é um quartzito. Por vezes são detectados seixos de quartzo. Neste caso a opção a escolher é seixo rolado.

Área 5. Estado de conservação:

Campo com três entradas. Intacto, quando se conseguem retirar as três medidas (comprimento, largura e espessura). Fragmentado, quando se consegue apenas realizar duas medidas e Fragmento, quando se retira uma medida ou mesmo nenhuma.

Área 6. Morfologia:

Área com dois campos: forma e secção. A forma do artefacto é retirada a partir da sua aproximação a sólidos geométricos, possui oito descritores, partilhados igualmente pelo campo secção; circular/sub-circular, elipsóide/ovóide, indeterminada, irregular, rectangular/subrectangular, trapezoidal e triangular. A Secção é induzida a partir de um corte na sua zona mesial.

Área 7. Tipo:

Embora a definição mais simples de percutor nos diga que é um martelo natural sobre seixo ou bloco de pedra, utilizado para percutir, esta folha de recolha de dados, pretende abranger um conjunto maior de materiais, que embora não estejam todos relacionados com actividades de percutir, poderão estar relacionados com o tipo de matéria prima que todos partilham. Assim são igualmente analisados não só os percutores, primeiro descritor desta área, como alisador/polidor, seixo e bigorna.

Área 8. Localização dos Vestígios de Uso:

Três campos idênticos, que analisam as zonas Polar, Facial e Lateral. Orienta-se a peça segundo o seu eixo maior, e escolhe-se Unipolar quando os vestígios de uso se localizam apenas num dos pólos da peça, e Bipolar quando se localizam nos dois. A

mesma análise aplica-se às denominações Unifacial e Bifacial e Unilateral e Bilateral.

Área 9. Outras propriedades:

Campo de escolha múltipla, que objectiva a análise de um conjunto de outras propriedades que a peça poderá possuir. Os descritores são os seguintes; vestígios de fogo, gume talhado cortante, arestas/gume acidentais utilizados e maceração.

Área 10. Utilização:

Tabela com duas entradas, é sempre escolhida aquela que está mais representada no objecto. Activa quando apresenta vestígios de um uso/martelado intenso, suave, quando os vestígios de uso parecem ser de um martelado mais suave, metódico e pontual.

Área 11. Dimensões:

O comprimento é medido no eixo maior da peça.

A largura é medida na perpendicular ao eixo maior da peça e na área que aparenta ser a mais larga. A espessura é retirada na mesma zona da largura. Os índices são de elaboração automática. São campos não preenchidos pelo utilizador.

3.1. Amostras

Área 1. Identificação.

ID. Campo de preenchimento obrigatório. Numeração sequencial. Terá que ser sempre igual ao número de registos.

Área 2. Localização (idêntica às entradas da cerâmica).

Área 3. Descrição / Interpretação

É composta por oito sub-campos, que pretende descrever todo o percurso da amostra desde que saiu de campo até voltar à posse da equipa de Castanheiro do Vento.

Tipo de amostra, onde se assinala se a amostra são sedimentos ou elementos pétreos.

Descrição, onde se descreve a amostra.

Destino da amostra. Laboratório onde irá ser analisada.

Questões colocadas. Este descritor pretende reunir as questões que os investigadores colocaram ao laboratório, quando enviaram a amostra.

Composição da amostra. Aqui o preenchimento é efectuado através da leitura do relatório produzido pelo laboratório.

Síntese do relatório. Pretende-se sistematizar a informação mais importante produzida pelo laboratório.

Os últimos dois descritores são nominais e referem-se ao elemento que recolheu a amostra (recolhida por), em campo e ao elemento responsável pela assinatura do relatório produzido pelo laboratório.

3.2. Antracologia

Esta folha é composta por 14 campos, distribuídos por 3 áreas.

As áreas 1 e 2 são iguais à base de dados de amostras.

Área 3. Identificação:

Taxa – Corresponde ao número de fragmentos antracológicos analisados. Nome científico – Designação latina da espécie identificada. Nome corrente – Nome vulgarmente dado à espécie identificada. Observações – Neste campo será sempre importante sintetizar as observações feitas pelo especialista que trabalhou a análise.

3.3. Arqueozoologia

Esta folha de recolha de dados foi elaborada com sugestões de Cláudia Costa (inf. Pessoal). É composta por 21 campos, distribuídos por 3 áreas.

As áreas 1 e 2 são iguais à base de dados de amostras.

Área 3. Descrição.

Elemento – Indicação anatómica (osso). Porção – Indicação da porção do osso representada como por exemplo, epífise proximal, epífise distal, etc. Lado – Direito ou esquerdo. Idade – Indicação do estado de fusão do fragmento (não fundido tratando-se de um elemento de um animal jovem ou, no outro extremo, completamente fundido tratando-se de um adulto). Modificações *post-mortem* – Marcas de manipulações provocadas após a morte do animal. Queimado – Marcas provocadas pela manipulação pelo fogo (vários estádios desde não queimado até ao calcinado). Fractura – Identificação do tipo de fractura do elemento (intencional, escavação, ...). Animais – Marcas provocadas pela manipulação de animais carnívoros. Naturais – Marcas provocadas pela acção dos agentes químicos, biológicos e físicos que actuam após a deposição do elemento (raízes, abrasão, carbonato de cálcio, ...). Meteorização – Identificação do estado de meteorização da superfície do elemento. *Taxon* – Identificação da espécie a qual pertence o elemento.

3.4. Datações

Esta folha é composta por 15 campos, distribuídos por 4 áreas.

As áreas 1 e 2 são iguais à base de dados de amostras.

3. Referências:

Área constituída por três campos descritivos; referência laboratorial, código de trabalho e data de recolha. O preenchimento destes três campos referencia a amostra ao nível do laboratório onde a datação foi produzida (referência laboratorial), ao nível da organização interna da escavação (código de trabalho) e ao nível da recolha de campo (data da recolha).

4. Dados:

Área com quatro campos de preenchimento. É elaborada através do relatório enviado pelo laboratório que procedeu à datação. Os campos são os seguintes; datação convencional (BP), calibração a 2 sigma cal BC, outros intervalos, e o campo observações.

4. ESTRUTURAS

Esta folha é constituída por 31 campos distribuídos por 6 áreas. Esta folha de recolha de dados foi completamente elaborada tendo em conta a experiência de campo acumulada.

A área 1 repete as outras folhas de recolha de dados.

Área 2, Localização.

O primeiro campo é ID, um número de identificação sequencial que permite a relação entre folhas de recolha de dados. A sigla, segundo campo desta área, identifica o troço de murete em análise; o campo estrutura, refere nominalmente a estrutura em análise, que é localizada na quadriculagem do sítio no campo quadrículas. Os materiais explicitam os elementos construtivos do murete; a dimensão modal, refere-se ao valor de uma variável que ocorre com maior frequência numa série, “ (...) ou seja, é o valor da abcissa correspondente à ordenada máxima de uma curva de frequências.” (Pinto e Grego 1992:58) Optou-se pela moda e não qualquer outra medida de tendência central, por vários motivos: a moda pode ser considerada o valor normal de uma distribuição, ou seja é a medida mais típica, é inteiramente independente dos valores extremos (que a existirem terão de ser sempre analisados separadamente) e é, a que melhor caracteriza situações onde estejam em causa

os valores mais usuais e constantes, como é o nosso caso; pretendia-se saber qual o valor mais frequente do comprimento das lajes constituintes dos muretes, e inseri-lo numa categoria. O campo acabamento dos elementos construtivos é obtido através da observação das lajes que definem as paredes dos troços de murete, ou estão facetadas ou não estão. O descritor lajes objectiva a presença de um determinado tipo de xisto azul exógeno ao local. O último descritor é numérico, corresponde à largura dos troços de murete/muro. Esta medida foi retirada dos troços de murete a intervalos de 1 metro. De seguida obtém-se a média aritmética simples, a que corresponde o valor obtido.

Área 3, “Bastiões”.

Esta área relaciona-se com a análise das estruturas tipo “bastiões”. É composta por 8 campos de observação. Inicia-se com três variáveis numéricas; a medida da entrada, a profundidade e a área. O primeiro é medido entre os dois pontos de início da curvatura da estrutura, equivalendo ao vão de entrada. O segundo é obtido através do ponto central do eixo que mediu a entrada e do ponto central da orientação da estrutura. O terceiro corresponde à superfície interna dos bastiões, em metros quadrados. O quarto campo de análise, forma dos bastiões, é de escolha única com os seguintes descritores: circular, sub-circular, oval e cilíndrica. Por último os restantes quatro campos são igualmente numéricos e destinam-se a analisar detalhadamente a curvatura da estrutura. São eles, espessura do eixo central, medido precisamente no prolongamento da medida de profundidade, espessura do lado esquerdo da entrada, obtido no início do ponto de medida do lado esquerdo do vão de entrada e espessura do lado direito da entrada, medido no início do ponto de medida do lado direito do vão de entrada.

Área 4, Estruturas Circulares e Estruturas Circulares Geminadas.

Esta área é composta por 4 campos de análise.

Os três primeiros campos de observação são variáveis numéricas; eixo Norte/Sul, medido entre dois pontos de orientação Norte/Sul e que dividem a estrutura ao meio, eixo Este/Oeste, medido entre dois pontos de orientação Este/Oeste e que dividem a estrutura ao meio e a área, que corresponde à superfície interna da estrutura em metros quadrados. O último campo desta área é a forma, igualmente de escolha única com os mesmos descritores; circular, sub-circular, oval e cilíndrica.

Área 5, Passagens.

Composta por 9 campos de observação e pretende analisar as passagens, referidas na maior parte

da literatura arqueológica como entradas ou portas.

Todos os campos são variáveis numéricas. Os primeiros três reportam-se às larguras: largura à entrada, largura intermédia e largura à saída. Todas as medidas são retiradas estando o observador virado para o interior do recinto, desta forma a largura da entrada é aquela que está mais longe do interior do recinto e consequentemente a largura de saída é aquela que está mais próxima ao interior do recinto. A largura intermédia é retirada de um hipotético ponto central do eixo do vão de acesso ao interior do recinto. O campo seguinte mede o comprimento de passagem, ou seja, a medida obtém-se entre o ponto médio do eixo da largura de entrada e o ponto médio do eixo da largura à saída. A área é de cálculo automático, bastando preencher os campos largura intermédia e comprimento da passagem. Como algumas passagens possuem uma estrutura de estreitamento, os campos seguintes aludem à sua análise: largura de estrutura de estreitamento e comprimento de estrutura de estreitamento. O primeiro refere-se a um ponto médio dessa estrutura e o segundo mede a totalidade dessa estrutura. Os dois últimos campos desta área são de cálculo automático; largura da passagem sem estrutura de estreitamento e área total sem estreitamento. O primeiro pretende medir a largura da passagem excluindo a estrutura de estreitamento, de modo a se poder obter um valor que nos permite uma comparação entre todas as passagens, o segundo campo obtém a área em metros quadrados.

Área 6, Observações.

Última área com apenas um campo de preenchimento, onde se pretende esclarecer e/ou acrescentar qualquer tipo de observação ou comentário, que não tenha sido contemplado na folha de recolha de dados.

5.1 Documentação Gráfica

Esta folha é constituída por 12 campos distribuídos por 3 áreas. A elaboração desta folha de registo de dados colheu informações de Bárbara Carvalho 2006.

A área 1 repete as outras folhas de recolha de dados.

2. Localização.

Área constituída por 9 campos, sendo os quatro primeiros, em tudo semelhantes aos utilizados nas outras bases. As diferenças relacionam-se com a especificidade do desenho arqueológico. Surge a data

(dia/mês e ano) em que o desenho é efectuado em campo. Existe um outro campo para ano, criado para permitir um acesso/pesquisa mais rápido aos desenhos elaborados em cada ano específico. O campo seguinte, decapagem, permite a colocação do número da decapagem à qual o desenho corresponde. Por último, os campos desenhador e tintagem mencionam o desenhador e/ou arqueólogo que os efectuou.

3. Imagem.

Esta última área reporta-se ao desenho. No campo imagem, existe um link para o desenho de campo efectuado, que se encontra digitalizado em uma outra pasta. O campo escala, alude à escala utilizada em campo. E por último o campo interpretação/comentários pretende sintetizar a informação que o desenho transmite.

5.2. Documentação Fotográfica.

Esta folha é constituída por 8 campos distribuídos por 3 áreas.

A área 1 repete as outras folhas de recolha de dados.

2. Localização.

Área constituída por 6 campos, sendo os quatro primeiros, em tudo semelhantes aos utilizados nas outras bases. As diferenças relacionam-se com a especificidade do registo fotográfico. Surge a data da fotografia (dia/mês e ano) em que o registo é efectuado em campo e depois o nome do fotógrafo.

3. Imagem.

Esta última área com apenas dois campos reporta-se à fotografia tirada. No campo fotografia, ou existe um link para a fotografia de campo ou a própria fotografia está visível. Por último o campo interpretação/comentários pretende legendar o registo fotográfico.

BIBLIOGRAFIA

- BATISTA, Lúcia, (2003), *Cerâmica do interior do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão*, dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- BECK, Anthony, (2000), “Intellectual excavation and dynamic Information Management Systems”, *On the Theory and Practice of Archa-*

- eological Computing*, edited by Gary Lock and Kayt Brown, Oxford University Committee for Archaeology, pp.73-88.
- BORDES, F., (1988), *Typologie du Paleolithique Ancien et Moyen*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.
- CARR, Christopher, (1985), *For concordance in Archaeological Analysis, Bridging data structure quantitative technique and theory*, ed. by Christopher Carr, Illinois, Waveland Press, Inc.
- CARVALHO, António F. (1998), *Talhe da pedra no Neolítico Antigo do maciço calcário das Serras de Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*, Lisboa, Edições Colibri e EAM.
- CARVALHO, Bárbara R. Pinto de Sá, (2006), *O Desenho na escavação arqueológica de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa)*, Relatório de Seminário de Projecto da Licenciatura em Arqueologia apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- FABREGAS VALCARCE, Ramon, (1989), “Útiles Pulimentados de Pequeñas Dimensiones”, *Gallaecia*, Publicacion do Departamento de Pré-história e Arqueologia da Facultad de Geografia e História, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 139-150.
- FABREGAS VALCARCE, Ramon, (1992) “Estudio funcional de útiles pulimentados: experimento de tala y análisis de microdesgaste”, *SPAL, Revista de Prehistoria y Arqueologia*, nº1, Universidade de Sevilla, Sevilla, pp.107-124.
- FERNANDEZ del CAMPO, C.P e QUERO CASTRO, S., (1992), *El Ventorro, um poblado prehistorico de los albores de la metalurgia*, Madrid, Museos Municipales, Ayuntamiento de Madrid-Concejalía de Cultura.
- GONÇALVES, Victor dos Santos, (1989), *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*, 2 volumes, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- GREW, Francis, (2000), “From museum store to data warehouse: archaeological archives for the twenty-first century”, *On the Theory and Practice of Archaeological Computing*, edited by Gary Lock and Kayt Brown, Oxford University Committee for Archaeology, pp.59-72.
- JORGE, Susana Oliveira, (1986), *Povoados da Pré-história recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar*, 3 volumes, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- LEROI-GOURHAN, A. (1988), *Dictionnaire de la Préhistoire*, (dir. de), Paris, P.U.F.
- MOREIRA, Maria Margarida (1996), *Contas de colar provenientes de sepulturas com tumulus do Norte e Centro-Norte de Portugal*, Porto, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- MURALHA, João, (1996), *Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numa. Continuidades e discontinuidades: uma proposta de abordagem estatística*, dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- OLIVEIRA, E, Veiga de, GALHANO, F. e PEREIRA, B., (1983), *Tecnologia Tradicional Portuguesa, Sistemas de Moagem*, Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- OLIVEIRA, Maria de Lurdes, (2003), *Primeiras intervenções arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão*, dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- PINHEIRO, Rui, (2008), *Cerâmica do Bastião I de Castanheiro do Vento*, Palma de Maiorca, Vessants, Arqueologia e Cultura.
- ROUX, Valentine, (1985), *Le Matériel de Broyage. Étude ethnoarchéologique a Tichitt, Mauritanie*, Paris, Editions Recherche sur les civilisations, Mémoire n.º58.
- SANCHES, Maria de Jesus, (1992), *Pré-história recente no planalto mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Porto, GEAP.
- SANCHES, Maria de Jesus, (1997), *Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 volumes, Porto, SPAE.
- TIXIER, J., INIZAN, M. e ROCHE, H., (1980), *Préhistoire de la Pierre Taillée. I-Terminologie et technologie*, vol.1, Paris, C.R.E.P.
- VALE, Ana Margarida, (2003), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz-Côa), Contributo para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalho (1998-2000)*, dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

1. Estação		ID <input style="width: 100px;" type="text"/>
Topónimo: <u>CASTANHEIRO DO VENTO</u>		
Localização administrativa: Distrito: Guarda Concelho: Vila Nova de Foz Côa Freguesia: Horta do Douro		Coordenadas geográficas: 41 3' 49'' N 7 16' 18'' E
<hr/>		
2. Localização		N.º de Inventário <input style="width: 150px;" type="text"/>
Quadrícula <input style="width: 100px;" type="text"/>		N.º de fragmento <input style="width: 80px;" type="text"/>
Camada <input style="width: 100px;" type="text"/>		X <input style="width: 80px;" type="text"/>
Contexto <input style="width: 250px;" type="text"/>		Y <input style="width: 80px;" type="text"/>
Micro-contexto <input style="width: 320px;" type="text"/>		Z <input style="width: 80px;" type="text"/>
<hr/>		
3-Tipo de Fragmento	<input type="radio"/> Asa <input type="radio"/> Bordo <input type="radio"/> Colo <input type="radio"/> Fundo <input type="radio"/> Bojo	4- Pasta
	Tipo de E.N.P. <input type="checkbox"/> Quartzo <input type="checkbox"/> Granito <input type="checkbox"/> Mica <input type="checkbox"/> Cerâmica <input type="checkbox"/> Feldspato <input type="checkbox"/> Other... <input type="checkbox"/> Xisto	Calibre <input type="radio"/> <0,5mm <input type="radio"/> 0,5mm-1mm <input type="radio"/> >1mm
		Textura <input type="radio"/> Compacta <input type="radio"/> Friável <input type="radio"/> Homogénea
5- Estado da Superfície		6- Tratamento da Superfície
Exterior <input type="radio"/> Corroído <input type="radio"/> Preservado	Interior <input type="radio"/> Corroído <input type="radio"/> Preservado	Superfície Exterior <input type="radio"/> Alisado <input type="radio"/> Polido <input type="radio"/> Rugoso
		Superfície Interior <input type="radio"/> Alisado <input type="radio"/> Polido <input type="radio"/> Rugoso
7 - Cor		
Aspecto exterior <input type="radio"/> Homogéneo <input type="radio"/> Não homogéneo	Aspecto interior <input type="radio"/> Homogéneo <input type="radio"/> Não homogéneo	Cor exterior <input type="radio"/> Beije <input type="radio"/> Castanho <input type="radio"/> Cinzento <input type="radio"/> Laranja <input type="radio"/> Vermelho
Cerâmicas de exceção <input type="radio"/> Campaniforme <input type="radio"/> Cogeces <input type="radio"/> Cogotas		Cor interior <input type="radio"/> Beije <input type="radio"/> Castanho <input type="radio"/> Cinzento <input type="radio"/> Laranja <input type="radio"/> Vermelho
8- Decoração		
Técnica decorativa <input type="checkbox"/> Decoração Plástica <input type="checkbox"/> Impressão <input type="checkbox"/> Incisão <input type="checkbox"/> Puncionamento <input type="checkbox"/> Excisão <input type="checkbox"/> Pasta branca <input type="checkbox"/> Espatulamento	Motivo <input style="width: 150px;" type="text"/> Tipos <input style="width: 120px;" type="text"/>	Organização decorativa <input style="width: 150px;" type="text"/>
9- Dimensões		Diâmetro da abertura de Boca <input style="width: 80px;" type="text"/> Diâmetro da Pança <input style="width: 80px;" type="text"/> Índice de abertura <input style="width: 80px;" type="text"/>
	Comprimento <input style="width: 80px;" type="text"/> Largura <input style="width: 80px;" type="text"/>	Altura <input style="width: 80px;" type="text"/> Índice de profundidade <input style="width: 80px;" type="text"/>
<u>CASTANHEIROS / Base de Dados de Informação Arqueológica</u>		

Exemplo da primeira folha de recolha da base de dados de cerâmica

